

Crise atinge comércio e indústria

Pesquisa mostra que em julho as vendas nas lojas caíram 6,28%. Na indústria, o índice de inadimplência já chegou a 50%

Philio Terzakis

Da equipe do Correio

Queda nas vendas no comércio e alta inadimplência na indústria. Este o quadro da economia brasileira nos últimos meses. Na indústria, o índice de inadimplência chegou a 50% no segundo trimestre deste ano, de acordo com o Balanço Econômico Trimestral, realizado pela Federação das Indústrias de Brasília (Fibra).

A produção de bebidas teve retração em 33% dos estabelecimentos visitados. No setor da madeira e do mobiliário, a queda na produção foi verificada em 54% dos entrevistados. A produção de eletro-eletrônicos caiu para 60% dos estabelecimentos.

Além dos salários defasados do funcionalismo público, a alta carga tributária, as taxas de juros altas e a falta de financiamentos para empresas são as maiores queixas. "O aumento das passagens de ônibus, das tarifas de água, luz e telefone também contribuíram", acrescenta o presidente da Fibra, Lourival Dantas.

No comércio, a situação não é melhor. Em julho, as vendas caíram 6,28% em relação a junho. Para se ter uma idéia, em julho do ano passado, esse índice foi de 2,58%. Apesar das promoções de preços e de prazos, as vendas caíram nas floriculturas, joalherias, sacolões de hortifrutigranjeiros e lojas de bebidas. A queda foi menor nos estabelecimentos de grande porte, que têm mais condições de fazer promoções e propaganda.

DESEMPREGO

Em meio a dados decepcionantes, um índice surpreendeu. Em julho, 1.800 pessoas foram contratadas pelo comércio varejista. O crescimento de 1,77% pode parecer insignificante, perto dos mais de 151 mil desempregados do DF. Mas deve-se considerar que em julho de 95 a taxa de emprego registrou queda de 0,25%. As empresas de brinquedos, produtos esotéricos e farmácias foram as que mais contrataram.

O dado é tão inesperado que a Federação do Comércio (Fecomércio) resolveu fazer uma pesquisa exclusivamente para avaliar o desemprego no DF. O presidente da entidade, Sérgio Koffes, prevê, até o final do ano, mais de 200 mil desempregados.

Os números do comércio e da in-

dústria foram obtidos pela Pesquisa Conjuntural do Comércio, no mês de julho, feita pela Fecomércio, e pelo Balanço Econômico Trimestral, entre abril e junho, realizado pela Federação das Indústrias de Brasília (Fibra).

Realizada entre os dias 22 e 26 de julho, a pesquisa da Fecomércio visitou 653 pequenas, médias e grandes empresas, nas cidades e no Plano Piloto.

"O mês de julho é atípico. É mês de férias escolares e de viagens da classe média, que vai fazer compras em Nova Iorque e em Miami. Não tem Dia dos Namorados nem Dia dos Pais", avalia Sérgio Koffes. Ele lembra ainda que a clientela é formada basicamente de funcionários públicos, que estão há 19 meses sem receber aumento.

A queda no nível de estoques é outra grande preocupação dos empresários. O estoque médio de julho foi suficiente para, apenas, 21,32 dias. O índice é 8,54% mais baixo que o registrado em junho e 29,86% menor em relação a julho de 95. Isso significa que os empresários estão comprando menos. A Fecomércio aponta as causas: descapitalização do empresário, altas taxas de juro e receio do Plano Real.

PREÇOS

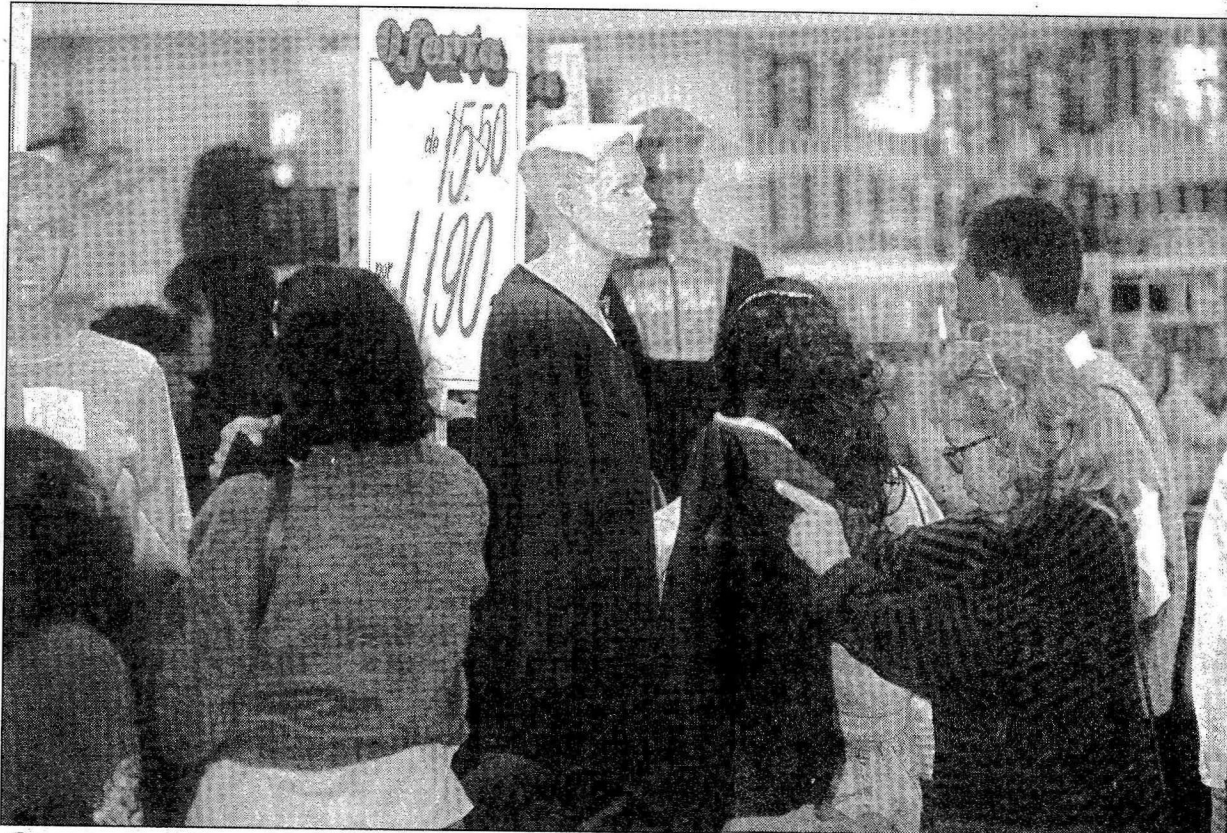
Os preços tiveram uma alta de 0,46% para o consumidor. Nas empresas de grande porte, esse aumento foi maior (0,89%). A alta foi verificada, principalmente, nos laticínios (9,29%), na carne vermelha (7,67%) e nas farmácias (6%). Queda de preços só nos artigos esotéricos, bebidas, hortifrutigranjeiros e veículos usados.

Os consumidores preferiram pagar à vista no mês de julho, segundo a pesquisa. Com dinheiro, cheques e vales (65,63%). Os cheques pré-datados ficaram em segundo lugar na preferência dos clientes (22,46%). Depois, vieram os cartões de crédito (8,73%) e as vendas financiadas (2,96%).

Os números da Fecomércio não são animadores, mas persiste um otimismo entre os empresários para agosto, principalmente entre as grandes empresas, em função do Dias Pais.

As perspectivas de recuperação do comércio caíram de 7,25% (junho) para 4,13% (julho).

Ronaldo de Oliveira 1.7.94



Graças as promoções, as grandes lojas sofreram menos os efeitos da crise, que pode elevar ainda mais o desemprego no DF